



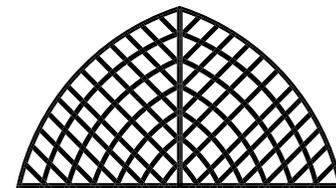
AWAETE JUIAKA

GEOMETRIA SAGRADA AWAETE

Produção:



Co-Realização:



INSTITUTO JANERAKA

Acolhimento e Residência Artística
para Povos da Floresta em Trânsito



**CONSTELAR
ANCESTRAL**

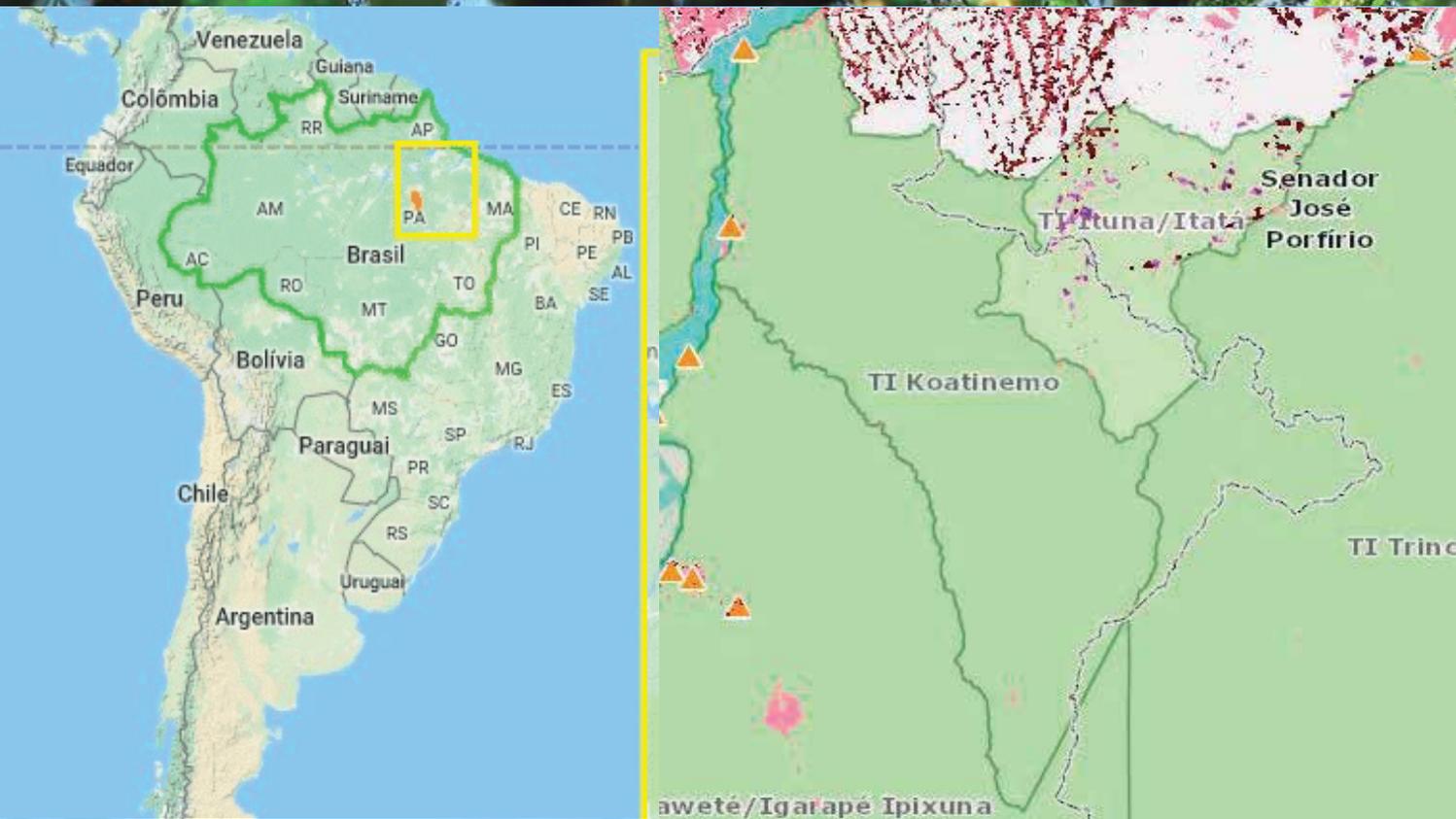
Rede Cocriativa entre Povos da Floresta



AWAJETUE

GENTE DIE VERDADIE

NO CORAÇÃO DA AMAZÔNIA!



» O instituto tem sede na Aldeia Janeraka, na Terra indígena Koatinemo, Médio Xingu e em Belém no Estado

**AWAETE
ASSURINI DO XINGU**

AUTO DENOMINAÇÃO: Awaete

LÍNGUA: Asurini, família Tupi-Guarani, tronco Tupi

TERRA INDÍGENA:
Parque Indígena Kwatinemo

ÁREA OFICIAL: 387.834
HA. (ISA,2016)

SITUAÇÃO TERRITORIAL:
Demarcada e Homologada

BIOMA: Amazônia

ALDEIAS: Muyrina, Ita'aka e Kwatinemo, Gavião, Janeraka, Ywyraka e Itapemu'u

POPULAÇÃO: Cerca de 350 pessoas

**UNIDADE ADMINISTRATIVA
FUNAI:** Altamira/PA

**ATIVIDADES TRADICIONAIS
SUBSISTÊNCIA:**
Caça, Pesca e Roça

TECNOLOGIAS TRADICIONAIS:
Cestaria, Adornos corporais,
Cerâmica, Marcenaria, Grafismo,
Construção, Instrumentos Musicais

Awa é gente, Ete é verdade. Assim, nós da Etnia Awaete, ou Assurini do Xingu como nos chamam os pesquisadores, mostramos nossa forma de ver e interagir com o mundo. Somos povo verdadeiro, não porque somente somos de verdade, mas porque construímos nossa identidade e nos reconhecemos a partir da cocriação e compartilhamento de conhecimentos.

O futuro não é mais como antigamente. As mudanças provocadas pelo contato que apesar de recente, datando de 48 anos atrás, ainda tem sensível a dor que se intensifica ainda mais com os assédios constantes e permanentes. Os relatos históricos falam muito da beleza de nossa cultura material, mas nos invisibilizam e em algumas vezes chegam até nos responsabilizar por abortos traumáticos causados por envenenamentos quando nossa etnia chegou ao número de 52 indivíduos. Versão essa, facilmente modificada pela de envenenamento geral da comunidade por parte do SPI, ou Serviço de Proteção ao índio que a princípio lá estaria para nos defender. Transamazônica. Caça ilegal. Biopirataria. Garimpo. Igreja. Queimadas. Pecuária. Empresários. Governo. Alcoolismo. Desmatamento. Violência. Tantas e tantas transformações. O barro da panela virou alumínio, a semente miçanga, o grafismo deu lugar à roupa, o algodão natural ao industrial, o mingau ao arroz e feijão, o ritual ao culto. O fluxo de entrada e saída de pessoas e conhecimentos sem informação e tempo para digerir e refletir sobre os acontecimentos continuam cada vez mais a gerar um sentimento de angústia de quem se sente sem forças para resistir à correnteza.

Dizem que o conhecimento é a luz e o sentido da vida. E ele continua ali. Contra todas as possibilidades. Contra todo etnocídio provocado em nosso povo pelo contato com as sequências inumeráveis de revoluções industriais do sistema hegemônico ocidental. O conhecimento Awaete resiste. Ainda que encapsulado, adormecido e estagnado diante de tantas alterações territoriais e sensoriais. E como quebrar essa dormência para florescer? Focar nossos sentidos à prática da escuta sobre nós e nossa comunidade, onde buscamos cada vez mais nosso lugar de voz sobre nossa própria história. Não uma escuta passiva de um cientista que está apenas a documentar a tragédia alheia sem comprometimento na reflexão e diálogo para a co-criação de alternativas. Queremos sim falar de nossa cultura tradicional, mas é necessário também falarmos de nosso presente. E dos conhecimentos que permeiam nossos territórios hoje. O que propomos aqui é um diálogo sobre passado e presente para reescrevermos um novo futuro. Constelações de conexões, saberes, práticas e fluxos energéticos. Entre nós e demais mulheres do Médio Xingu e do mundo, indígenas e não indígenas. A ressignificação do contato entre nós Awaete, com Tapuyas, Iarakyngas e Karaityngas, a fim de curarmos dores e reescrevermos novas histórias. Histórias de empatia, liberdade, fortalecimento, amor e união. União de mulheres de culturas e povos diferentes, mas com desafios e curiosidades semelhantes que se encontram num só propósito: o de adquirir cada vez mais informação e conhecimento para o equilíbrio entre os povos que traga saúde e bem estar seu, de seus filhos, família, comunidade e território. Afinal, do Xingu à Capital, a busca por reaproximação e ampliação do conhecimento da floresta associado ao acesso e facilitação à informação e novas tecnologias são demandas recorrentes. Muito foi negado a todas nós. Seja informações sobre produtos industriais e seus males, até os benefícios de alimentos e hábitos naturais.



INTRODUÇÃO DESCONTROLADA DE ALIMENTOS INDUSTRIALIZADOS



ABANDONO DE ROÇAS, PESCA E CAÇA



AUMENTOS DE 127% DA DESNUTRIÇÃO INFANTIL

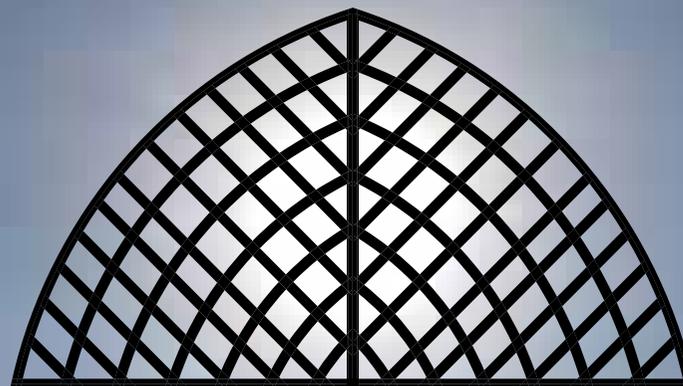
ETNOCÍDIO DE BELO MONSTRO



AUMENTO DE 2000% NOS ATENDIMENTOS DE SAÚDE

ENTREGA DE CASAS DE ALVENARIA SEM SANEAMENTO BÁSICO

AUMENTO DA DEGRADAÇÃO E DESMATAMENTO DAS ALDEIAS



INSTITUTOJANERAKA

**Fortalecimento da Cultura Tradicional Awaete -
Assurini do Xingu e Troca de Saberes e Práticas
com demais Povos das Águas Terras e Florestas**



AGENDA AWAETE

TROCA DE SABERES E PRÁTICAS ASSURINI DO XINGU/PA

POVOS EM TRÂNSITO

Nos últimos anos a partir de um circuito de “Descobrimento do Brasil” percorremos o país com mais de 500 atividades por varios estados brasileiros 4 estados com o projeto “Agenda Awaete - Troca de Saberes Assurini do Xingu / PA”, Através do engajamento cocriativo e da construção social coletiva, buscamos conectar sonhos tecendo espaços de convivência.





TAUWUMA

RAINHA DAS ÁGUAS AWAËTE

Tauwuma era uma mulher solteira que, apesar de ter dois irmãos, Yawuí e Yitiguara, que a vigiavam enquanto ia todo dia sozinha limpar sua roça. Um dia, quando estava na lida, lhe apareceu um Veado. Comovido com vida solitária da moça, pensando em ajudá-la ele virou gente e para se aproximar perguntou a ela como estava. Ela respondeu que estava tudo bem. Como na cultura Assurini os veados, além de caça apreciada, são também considerados dançarinos e cantores, ele não poderia deixar de chamá-la para uma dança. Satisfeito por encontrar um par, ele ia sempre encontrá-la para dançar. Levava maniva, fava. Mas ela não gostou dele. Achava que atrapalhava seu trabalho. E assim, pediu para os irmãos mantarem ele. No dia seguinte, armaram uma tocaia, Tauwuma foi toda feliz para o trabalho, enquanto eles esperavam escondidos para mata-lo. Ela já chegou dizendo bora dançar, toda feliz, sabendo ele ia morrer. Então, quando ele estava acabando de cantar, flecharam ele e depois o comeram assado. Ao passar de quatro dias, o primo do Veado, a Anta, foi até ela procurando por ele. Ele virou um homem grande e forte e ao se aproximar, para que Tauwuma o visse, ele quebrou um galho no chão. Ela o viu e gostou muito dele. Logo começaram a namorar. Sem que os irmãos dela soubessem, eles passaram a semana namorando escondido. Eles namoravam, ele bebia o mingau e ao final quebrava a panela. Normal já que as Antas são conhecidas por sua prática de não poder ficar perto de nossas cerâmicas sem despedaçá-las. Toda vez que ela ia encontrá-lo, ela fazia o mingau, deixava um pouco para os irmãos e levava o restante para agradar sua Anta.

Um dia, um dos irmãos Yawui, estranhou tantas panelas quebradas e resolveu segui-la até ao trabalho. Chegando lá, pegou os dois no flagra e ficou furioso por estar sendo enganado, já que em nossa cultura, para não fazer mal aos que se alimentam do que foi feito, a mulher não pode cozinhar e depois ter relações. Mesmo assim ele, escondido, só observou. A Anta quebrou a última panela de Tauwuma e ao voltar da roça ela avisou aos irmãos que sairia para buscar barro para fazer mais. Yawui voltou pra casa com muita raiva e falou pro outro irmão tudo, que eles estavam sendo enganados e assim resolveram matar ele. Enquanto ela foi buscar barro eles seguiram para matá-lo. Quando ela voltou, viu uma anta no girau e perguntou por onde eles tinham trazido a caça e a coelha respondeu pra ela que era do outro lado. Então ela fez mingau bem depressa e foi até a roça para oferecê-lo a seu amor, a Anta. Mas ele não apareceu. Enquanto procurava, Tauwuma viu o local onde eles o esquartejaram. Ela chorou muito. Então, seu irmão Yawui, foi até ela espionar, a fim de saber qual seria sua reação ao descobrir que seu amor foi morto por eles. Ele voltou pra casa e contou pro outros irmãos que ela ia embora.

Ela voltou pra casa, deitou e chorou a noite toda. De madrugada, ela perguntou a seus irmãos quem teve a ideia de fazer tal maldade e Yawui assumiu a culpa. Ela iniciou ensinamentos e um costume para nós, de que quando alguém mata uma pessoa, pedir pra que eles banhassem e fiquem sentados, que as mulheres cantam para arranha-los e assim por a prova sua coragem e tirar os maus espíritos, como ela fez com seus irmãos. Eles foram banhar, Tauwuma cantou, cantou e perguntou pra eles se eles já tinham se amarrado, pois como de costume antes de nos arranhar, os Moakara (guerreiros que já mataram alguém) precisam amarrar as juntas para concentrar o "sangue ruim" que sairá a partir dos arranhões. Mas eles responderam a ela que não se amarraram. Assim ela resolveu ir ao rio banhar e voltou sentou e cantou, cantou, cantou, cantou e perguntou se eles já tinham se amarrado novamente. Eles novamente responderam que não. Tauwuma ficou triste, triste e resolveu ir bora. Assim ela seguiu para o rio cantando levando consigo, em transe, as demais mulheres da aldeia. Os peixes começaram a dançar, o rio começou a encher, levando todas em direção ao fundo. Os irmãos conseguiram pegar quase todas as mulheres. Apenas Tauwuma cantando até hoje como, se tornando dona da festa de nossas mulheres e suas parceiras Murawi e Uanapy, que se revelaram espiritualmente como ariranhas e se uniram ao rio completamente.

Cinco dias depois seu irmão Yawui a viu na praia com seus filhos e ao tentar ficar com um deles ela flechou ele e o ameaçou de morte caso ele persistisse no contato e na tentativa de leva-la de volta para a aldeia pois ela já havia tomado a decisão de ir embora pelo desrespeito deles de matar alguém querido para ela sem comunica-la antes. Assim, ela pulou no rio se transformando em capivara. Ainda hoje nós fazemos este ritual em respeito as mulheres e seus ensinamentos na preparação dos guerreiros e guerreiras Awaete.



KUJÿ IETIE

COLETIVO DE MULHERES AWAETE

Criatividade, acolhimento, cuidado e atenção. Meninas, mulheres jovens e mães. Preparamos os alimentos dos nossos filhos e da aldeia. Tecemos redes, transformamos o barro em lindas panelas únicas em nossos materiais e processos. Exímias pintoras, a partir da união do jenipapo ralado e carvão, com um simples talo, transformamos qualquer corpo ou superfície no universo infinito. Da conexão com os espíritos, das profundezas das águas, surge o conhecimento e a força da mulher Awaete, que hoje luta para entre passado e presente reescrever um novo futuro.

A aceleração da entrada de novos hábitos e costumes em nossas comunidades está cada vez mais crescente, alterando todas as relações. A realidade que permeia a nós mulheres, não importa a que território e identidade pertencemos, é a de dominação de um patriarcado estrutural que influencia e formata cada vez mais culturas e sociedades. Os anseios ouvidos em protestos feministas aqui na cidade em muito se assemelham às falas tímidas e receosas que com um lapso de coragem conseguimos emitir sufocadas numa teia social confusa e deformada. Em uma dessas conversas foi possível ouvir manifestações como: E como conseguimos entender e curar doenças trazidas pelo não indígena no contato? Perguntou uma. Precisamos do apoio de vocês para conseguirmos entender sobre as propostas que chegam a todo momento em nossa comunidade e quando vamos à cidade! Reforçou outra. A gente faz por que não sabe que faz mal e quando vemos já não conseguimos mais parar. Sussurrou a outra. E nós mal falamos português precisamos de ajuda para traduzir pra gente o que chega e traduzir o que a gente quer falar. Finalizaram. Os sentimentos trocados nesses primeiros encontros foram de total empatia. Pois mesmo quem vive na cidade, não tem acesso a boa parte das informações solicitadas e padecemos de consequências semelhantes. E quanto mais trocamos mais tomamos consciência do perceptível crescente movimento de articulação e organização de mulheres em todo o mundo. Como a floresta nos ensina, entendemos que a força de povos e espécies está na união da diversidade. Cada um tem seu papel no ecossistema.

Após 7 anos de troca de saberes e práticas com o projeto Agenda Awaete, a família **Marytykwawara** se reúne na aldeia e no **Instituto Janeraka** em busca de apoio para organizar a cadeia produtiva artesanal, fortalecer o coletivo de mulheres, reconhecendo a importância de preservar o patrimônio cultural Awaete, seu povo e a floresta. Nesse sentido, o coletivo **“Kujy Ete Marytykwa’awa”** surge como iniciativa de Mulheres Indígenas Awaete em união à Mulheres Iarakynga, ou não indígenas, com a proposta da ampliação do diálogo, da troca de saberes e práticas entre os povos, reescrevendo o contato que não é, nunca foi e nunca será uma opção. Assim, nos conectamos numa rede de cooperação, com fluxos energéticos focados na construção social coletiva e o despertar da consciência humana a partir da (re)conexão com povos das águas, terras e florestas. Como um bom sistema agroflorestal, reconhecendo a potência da diversidade quando se tem um sistema equilibrado. Aqui, buscamos encontrar e co criar caminhos de conexão de territórios para facilitação de conhecimentos e experiências.

Os valores conseguidos com as obras desta exposição serão revertidos para a compra de nossa estrutura com a **Janeraka Altamira - Casa de acolhimento da família Marytykwawara**, que em muito nos apoiará na logística, organização e capacitação das vendas do coletivo mas principalmente significará um porto seguro para nós e nossas famílias na cidade mais violenta do país em meio ao etnocídio de Belo monte e as piores queimadas do mundo., a **Casa Ancestral Janeraka Belém e projetos de fortalecimento junto ao nosso coletivo de mulheres**

Estamos cada vez mais unidas entendendo que somente assim conseguiremos ser resistência.



TXA'APA

PROCESSO COCREATIVO

Em nosso caminho de resistência cultural temos adotado a estratégia de estudo associando o conhecimento dos anciões e suas memórias complementados com conhecimentos do não indígena além da retomada dos materiais e pesquisas feitos com nossos antigos e que nunca tiveram metodologia participativa, envolvimento ou retorno para que pudéssemos fortalecer nossa autonomia cultural diante de tanta destruição. Assim para cada oportunidade de reconexão aproveitamos para unirmos forças para cada vez mais passos nessa jornada.

A cada momentos buscamos formas de ressignificar os desafios. Nesta proposta, aproveitamos a oportunidade de uma das mulheres mais ativa da nova geração estar com sua família na casa de acolhimento de nosso instituto Janeraka em Belém para tratamento médico de seu companheiro. Este um dos principais formas de tornar cada demanda de nossa triste realidade atual em novas formas de regenerar nossas relações. Os recursos conseguidos com suas vendas serão aplicados em projetos de educação patrimonial e nosso centro cultural já em desenvolvimento pelo coletivo. Acreditamos que o que karai chama de arte para nós algo que vai além de algo separado. Esta é mais uma etapa para ganharmos forças rumo ao fortalecimento de nossos coletivos e conexões junto a cocriação de nossas casas de acolhimento e residência artísticas para povos da floresta em trânsito onde buscamos cada vez mais encontrar e construir caminhos de empatia e encontro.





JUAKA, KOAXARA

GEOMETRIA SAGRADA

HISTÓRIA DO ANYGA AWUII

Durante o banho Anyga Awui avistou Anyga Kuaxara pela primeira vez e ficou encantado com suas pinturas. Hipnotizado o seguiu até em sua casa. Voltando, perguntou a sua companheira se ela sabia quem era. Como irmã de todos os anyga rapidamente ela identificou Anykuaxara, esclarecendo que tratava-se do tio de Anyga Awuy e que era bom manter distância pois ele não gosta de ser incomodado. Anyga kuaxara responde que não quer importunar ninguém mas que gostaria muito de ver novamente as pinturas e copiar. Sua companheira responde: "Isso é fácil! É só você caçar uma anta e colocar ela com a cabeça na direção da casa dele. Em seguida grite: - Ei Anyga já vi sua bunda pintada!"

Anyga Awuy segue o conselho, e logo na primeira tentativa, já consegue iniciar a cópia do grafismo em 5 trançados de flecha enquanto Anyga Kuaxara devolve os insultos a antas procurando defeitos nela, só indo embora quando cansado. Os eventos se repetiram todos os dias por uma semana, até que ao matar desta vez uma paca, conseguiu virar Anyga Kuaxara e ver os grafismo de seu outro lado. O mesmo aconteceu quando conseguiu visualizar a pintura de frente de anyga kuaxara quando apresentou um veado como caça. Porém, desta vez o grafismo era "Anyga Ja'awa" e Anyga Awuy chourou decepcionado por não conseguir reproduzir, contudo, apesar de triste, voltou para sua comunidade repleto de conhecimentos espirituais os quais compartilhou com seu povo que através da intensificação da conexão da cultura e da espiritualidade Awaete com os seres da floresta multipliocu e intensificou conhecimentos fundamentais para se viver em harmonia e equilíbrio com a vida.





CONCEITO

Representa a relação do Awaete com a Cuiá, elemento sagrado que simboliza a criança e o nascimento e que é fundamental no cotidiano da comunidade para ações básicas como alimentação, água, servir medicina e até na confecção de instrumento musical.

KUIAPEI

GRAFISMO DA KUIA

KUIAPEI

ARTISTA:

Murapyjawa Assurini

ANO:

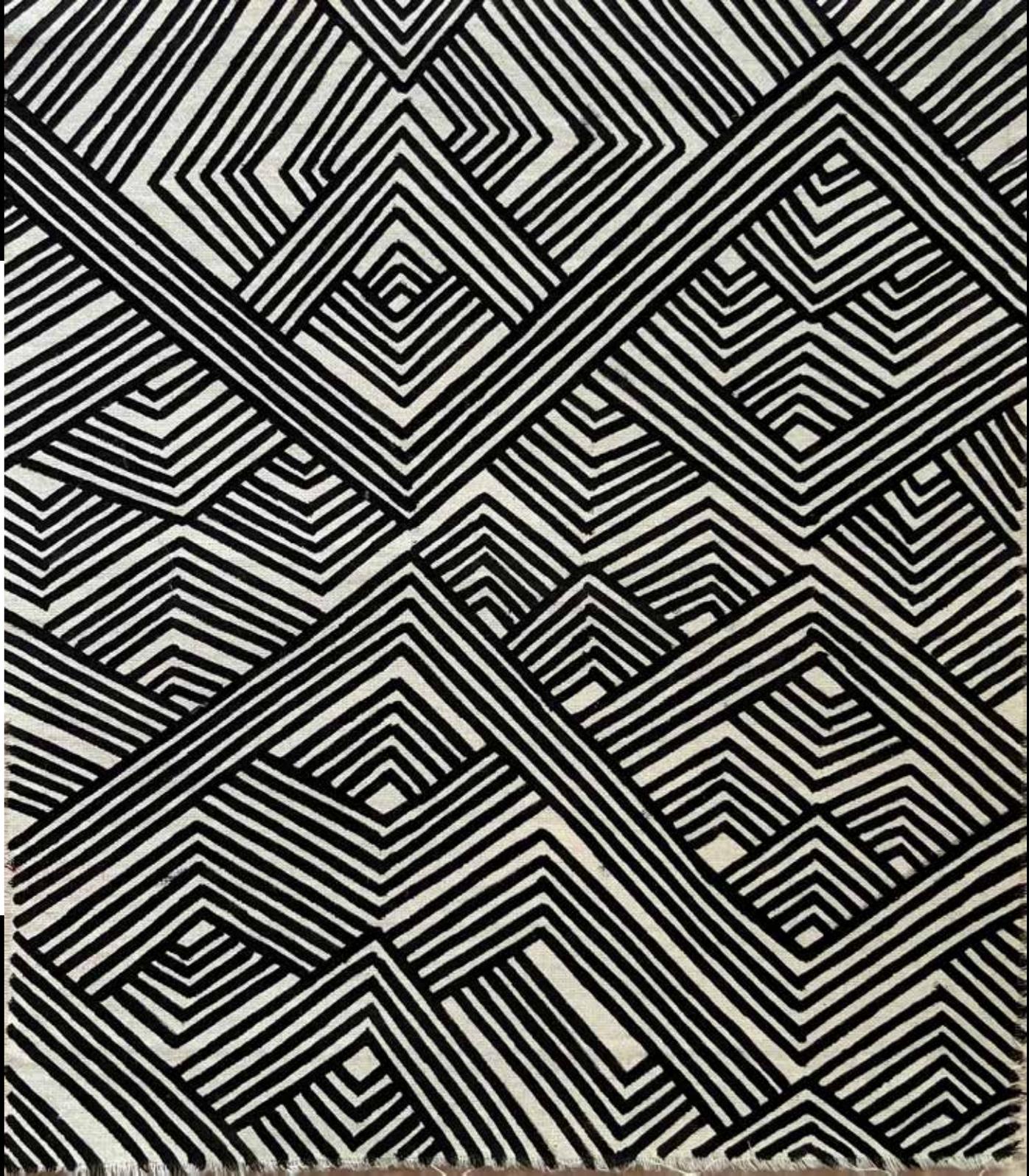
2024

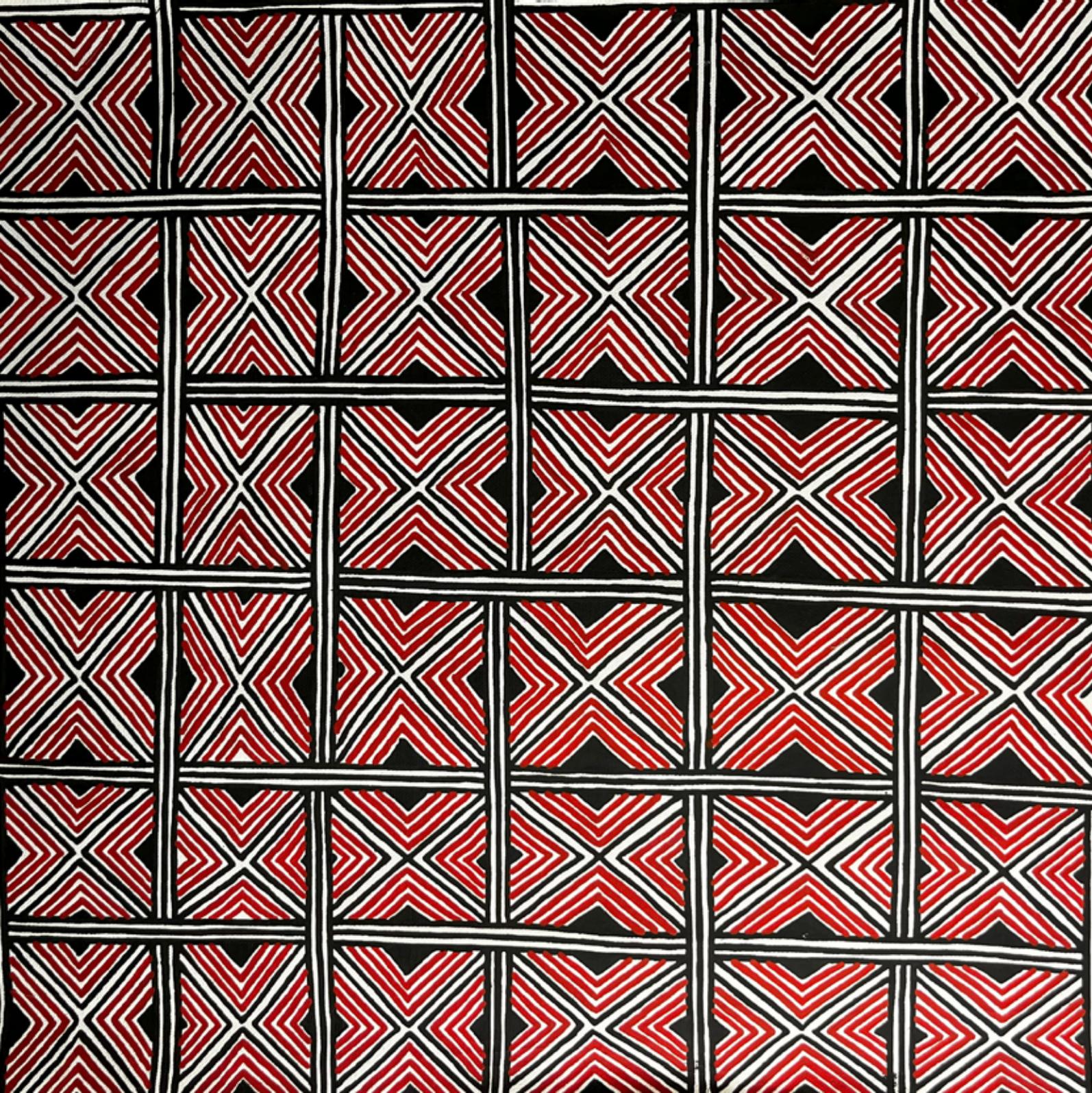
DIMENSÕES:

30,8 x 27,4 cm

TÉCNICAS:

Tinta de tecido sobre tecido





KUIAPEI +

APIPIRINIJUWIRA

ARTISTA:

Jejy'y Assurini Arara

ANO:

2023

DIMENSÕES:

42 x 48,5 cm

TÉCNICAS:

Tinta acrílica sobre tela

KUIAPEI

ARTISTA:

Sãsã Assurini

ANO:

2024

DIMENSÕES:

44,5 x 22 cm

TÉCNICAS:

Tinta de tecido sobre tecido



CONCEITO

Pintura que tem origem da prática de cerâmica, normalmente utilizada para acabamento da pintura da panela,



JAE'AKYGA

PINTURA DE CABEÇA DE PANELA



KUIAPE'I +
JAE'AKYGA

ARTISTA:

Kume Assurini

ANO:

2023

DIMENSÕES:

40 x 39,5 cm

TÉCNICAS:

Tinta Acrílica sobre tela

KUIAPE'I + JAE'AKYGA

ARTISTA:

Murapyjawa Assurini

ANO:

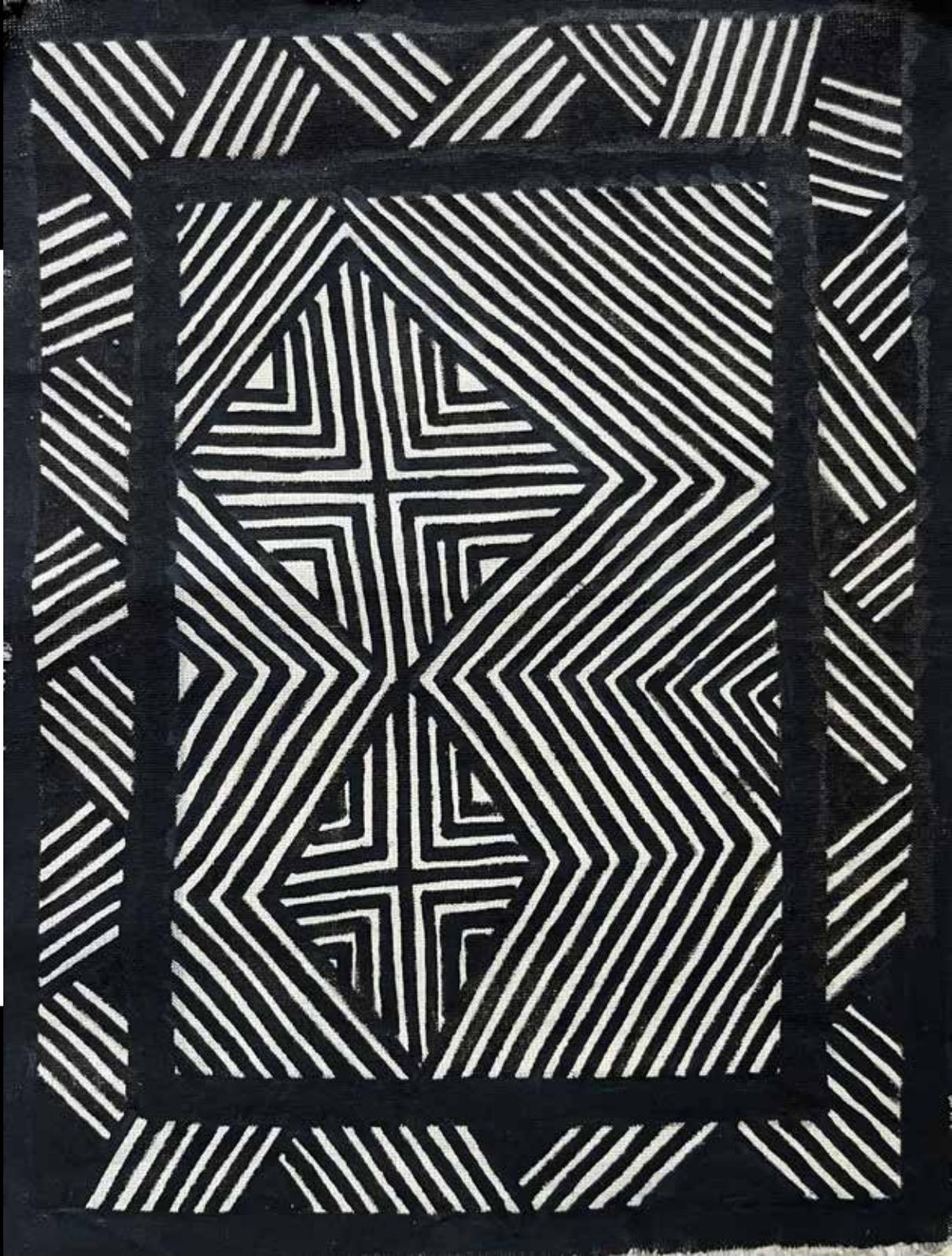
2024

DIMENSÕES:

22,5 x 29,4 cm

TÉCNICAS:

Tinta de tecido sobre tecido



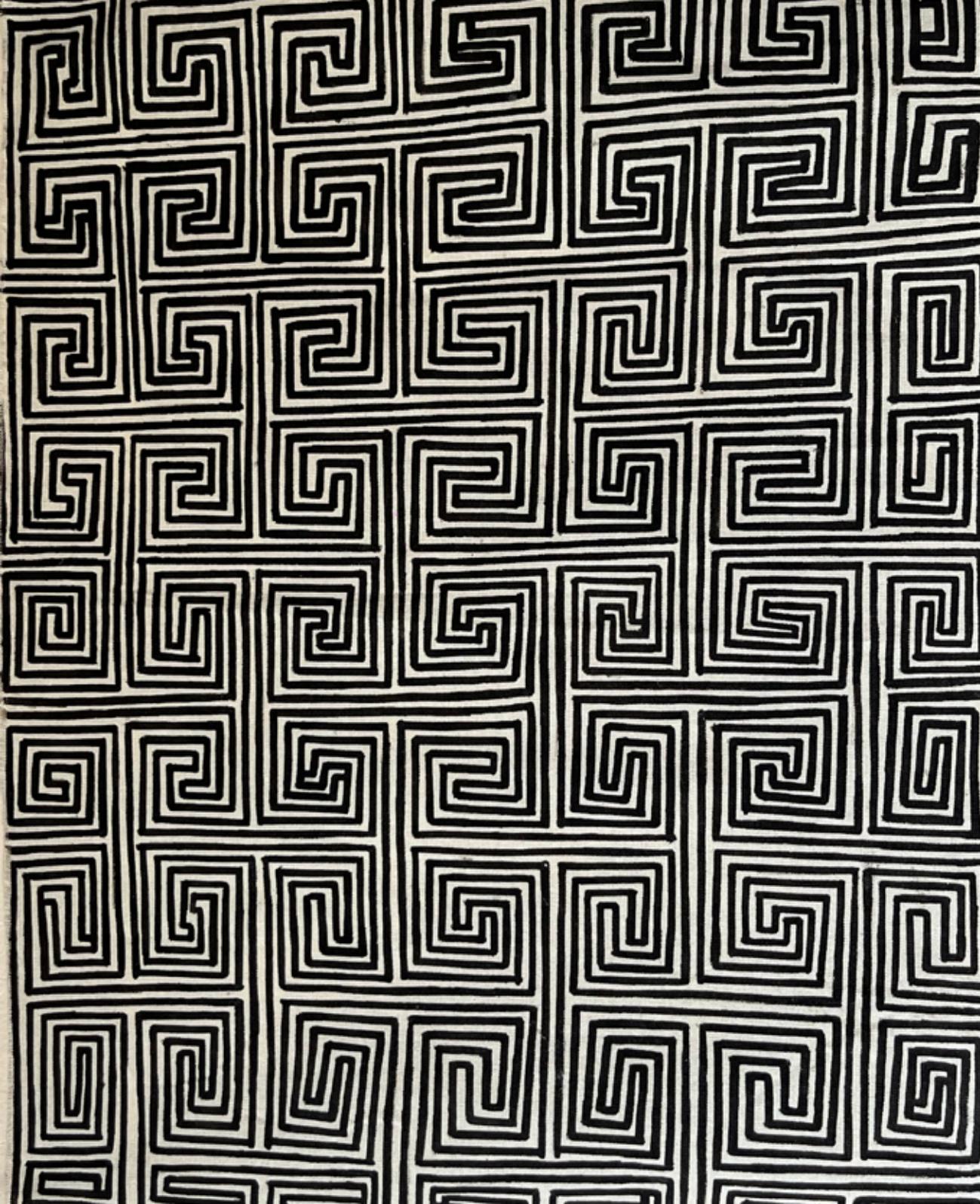


CONCEITO

Grafismo
feminino ligado
ao peixe piau
intimamente
ligado a
espiritualidade
feminina na
cultura Awaete.

IPIRAJUAKA

PINTURA DO PEIXE



IPIRAJUAKA

ARTISTA:

Asãsã Assurini

ANO:

2024

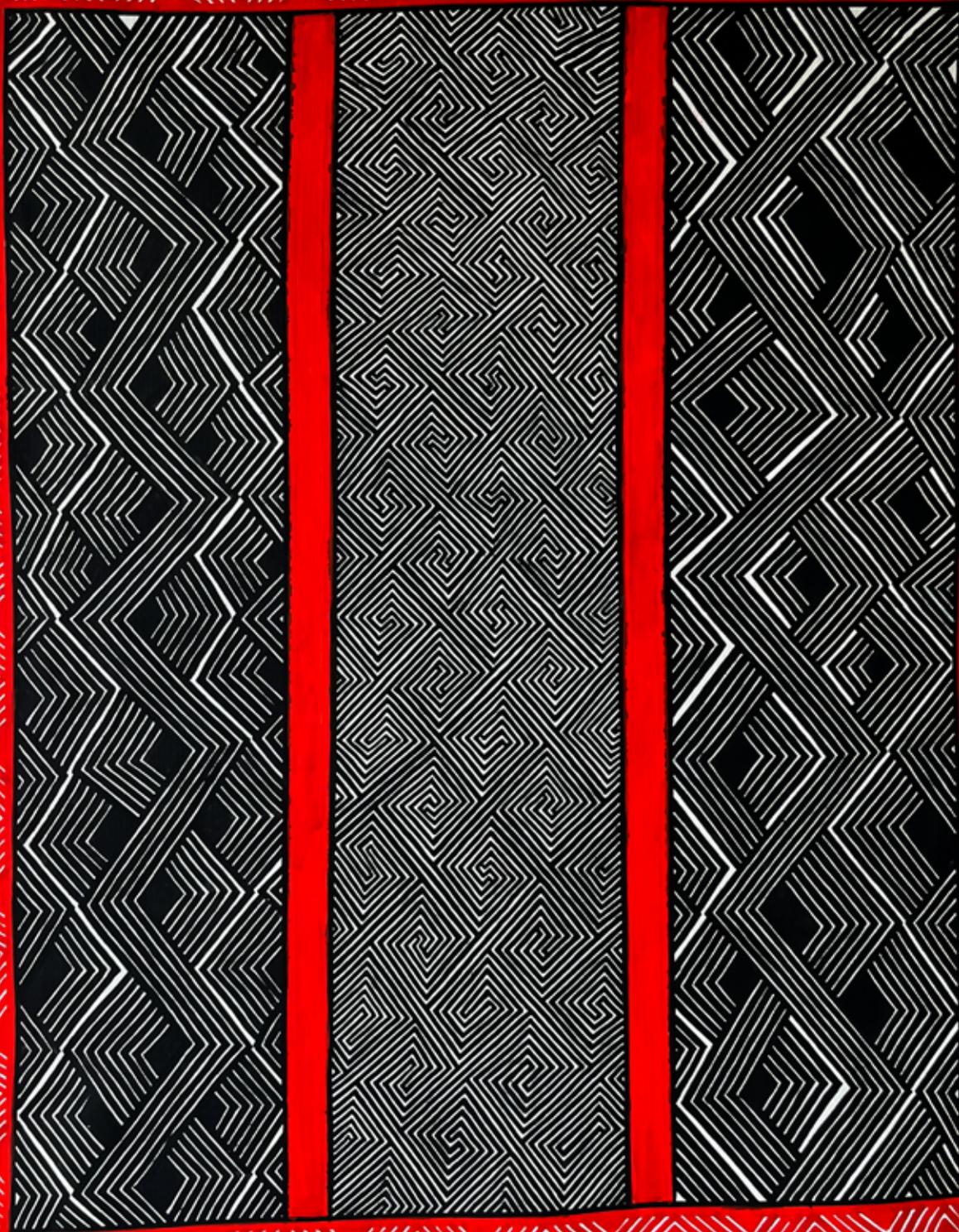
DIMENSÕES:

36,5 x 46,5 cm

TÉCNICAS:

Tinta de tecido sobre tecido

KUMÉ ASSURINI



IPIRAJUAKA +
KUIAPEI + JAE'AKYGA

ARTISTA:

Kume Assurini

ANO:

2024

DIMENSÕES:

85 x 69,5 cm

TÉCNICAS:

Tinta acrílica sobre tela

IPIRAJUAKA + KUIAPEI

ARTISTA:

Muruawi Assurini

ANO:

2023

DIMENSÕES:

85,5 x 42 cm

TÉCNICAS:

Tinta acrílica sobre tela





CONCEITO

Inspirado no brinco labial normalmente feito de osso de veado, porco, onça utilizado tradicionalmente pelos Awaete principalmente do sexo masculino. Utilizada como prova de amadurecimento e força diante da dor.

TEMUEKWARA RUPYTA

GRAFISMO DO BRINCO LABIAL



TEMUEKWARA

RUUPYTA

ARTISTA:

Murapijawa Assurini

ANO:

2024

DIMENSÕES:

32,5 x 27,5 cm

TÉCNICAS:

Tinta de tecido sobre tecido



CONCEITO

Presente no corpo de Anykwaxara o espírito dono de nossa geometria. É considerada uma grafismo de estrutura base da nossa geometria sagrada. A partir dele, criamos um grupo de grafismos com repertórios que remetem o corpo da alma Awaete.

TAYGAWA

CORPO DA ALMA

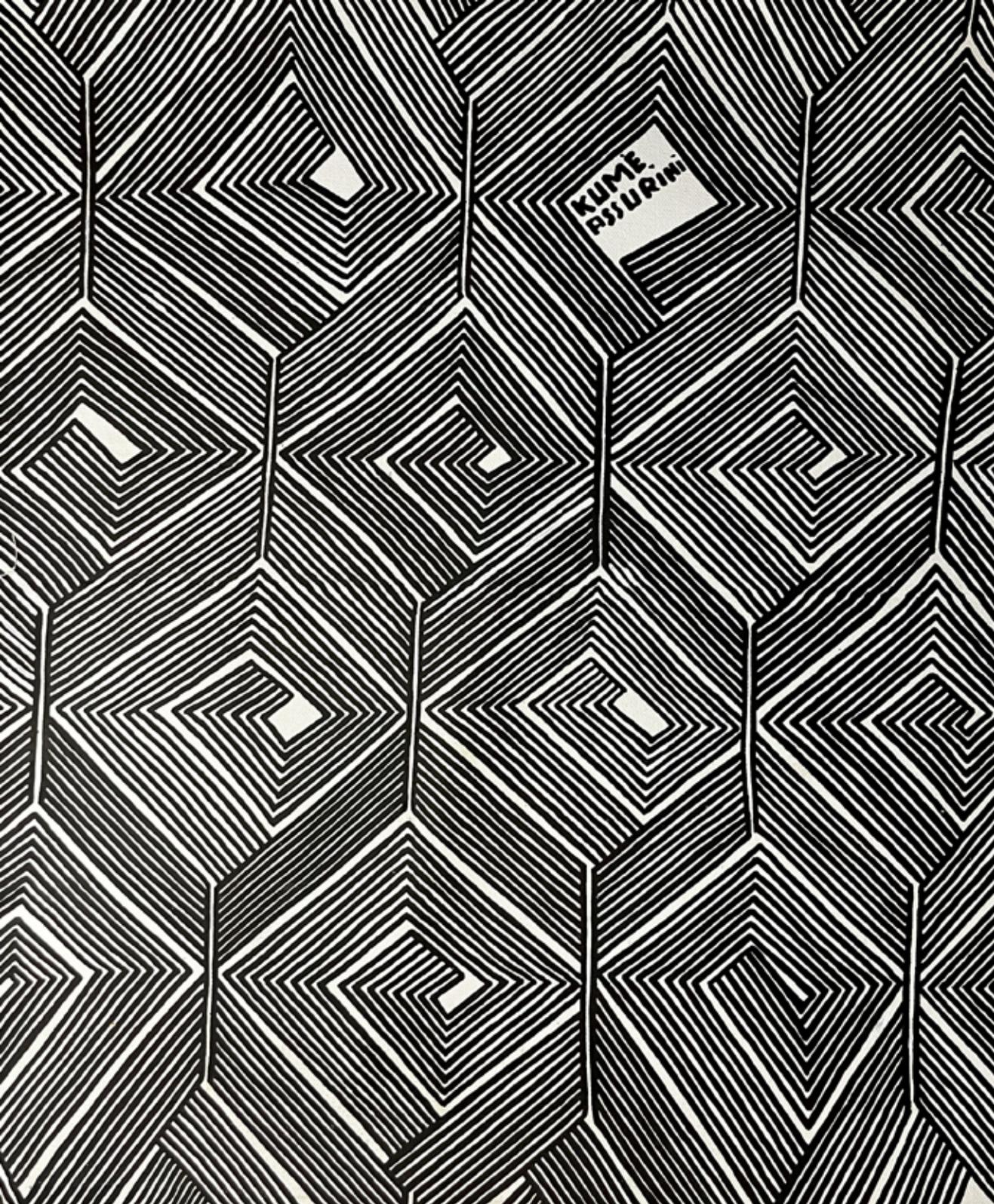


CONCEITO

Complemento da armadura espiritual Awaete criada para ser utilizada na proteção da base da perna mas que também tem versões para as demais partes do corpo.

TAMAKYJUA GI

PINTURA DE PERNA PEQUENA



TAMAKYJIUAGII

ARTISTA:

Kumê Assurini

ANO:

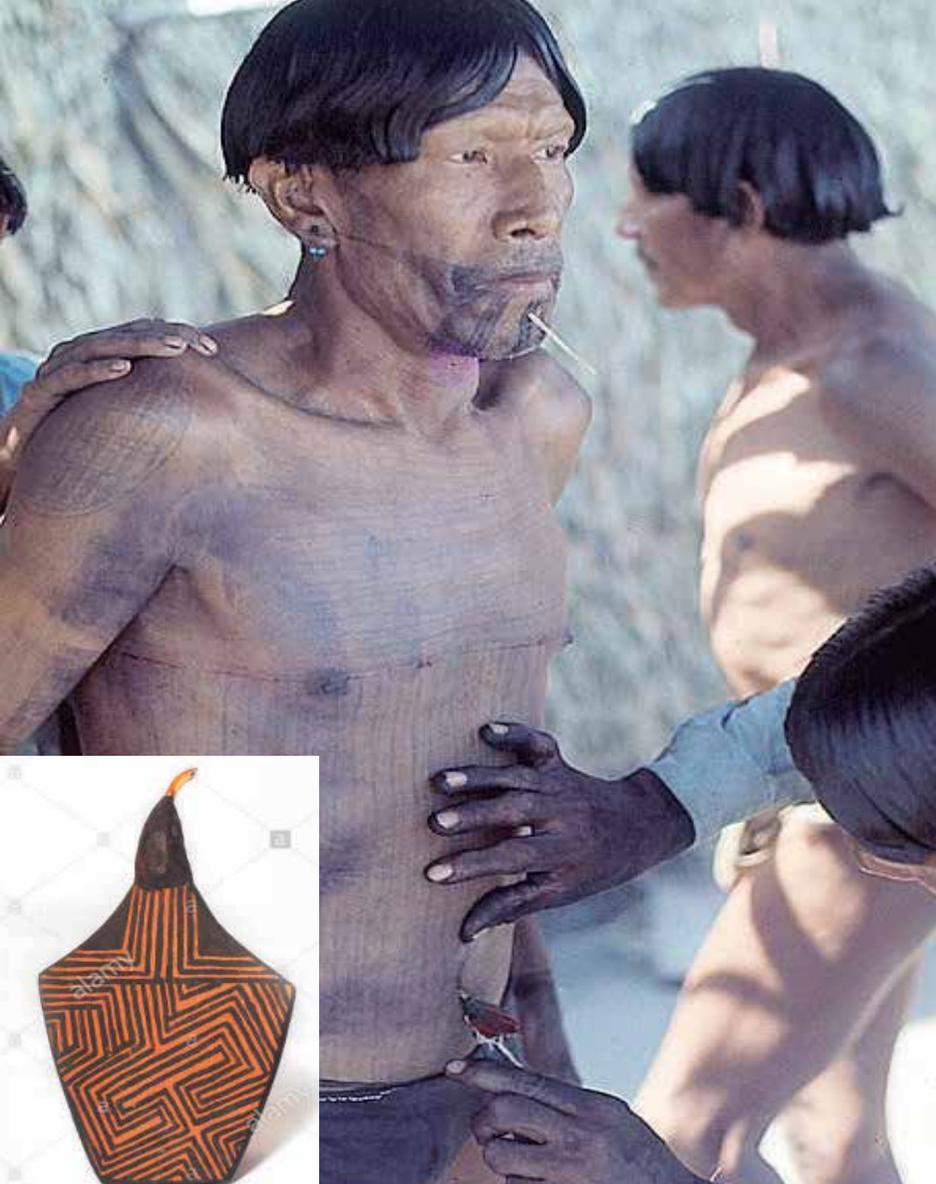
2023

DIMENSÕES:

42 x 49,5 cm

TÉCNICAS:

Acrílica sobre tela



CONCEITO

Inspirados nas
escarificações
relaizadas com o
instrumento ritual
que dá o nome
ao grafismo feito
de dente de cutia.
utilizado para
arranhar em especial
os guerreiros que
já tiraram a vida de
alguém.

MUERIRYIA

DIENTE DE CUTIA

MERIRYIA

ARTISTA:

Kume Assurini

ANO:

2022

DIMENSÕES:

49 x 43 cm

TÉCNICAS:

Tinta acrílica sobre tela



The background of the entire image is a complex, repeating geometric pattern. It consists of interlocking squares and rectangles, each containing a smaller version of the same pattern, creating a fractal-like effect. The colors used are red, black, and white. The pattern is centered around a black horizontal band that contains the text.

OBRA S DE ESTUDO E
PESQUISAS AUTOENOGRAFICAS

IAGYWAIKY

ARTISTA:

Asãã Assurini

ANO:

2024

DIMENSÕES:

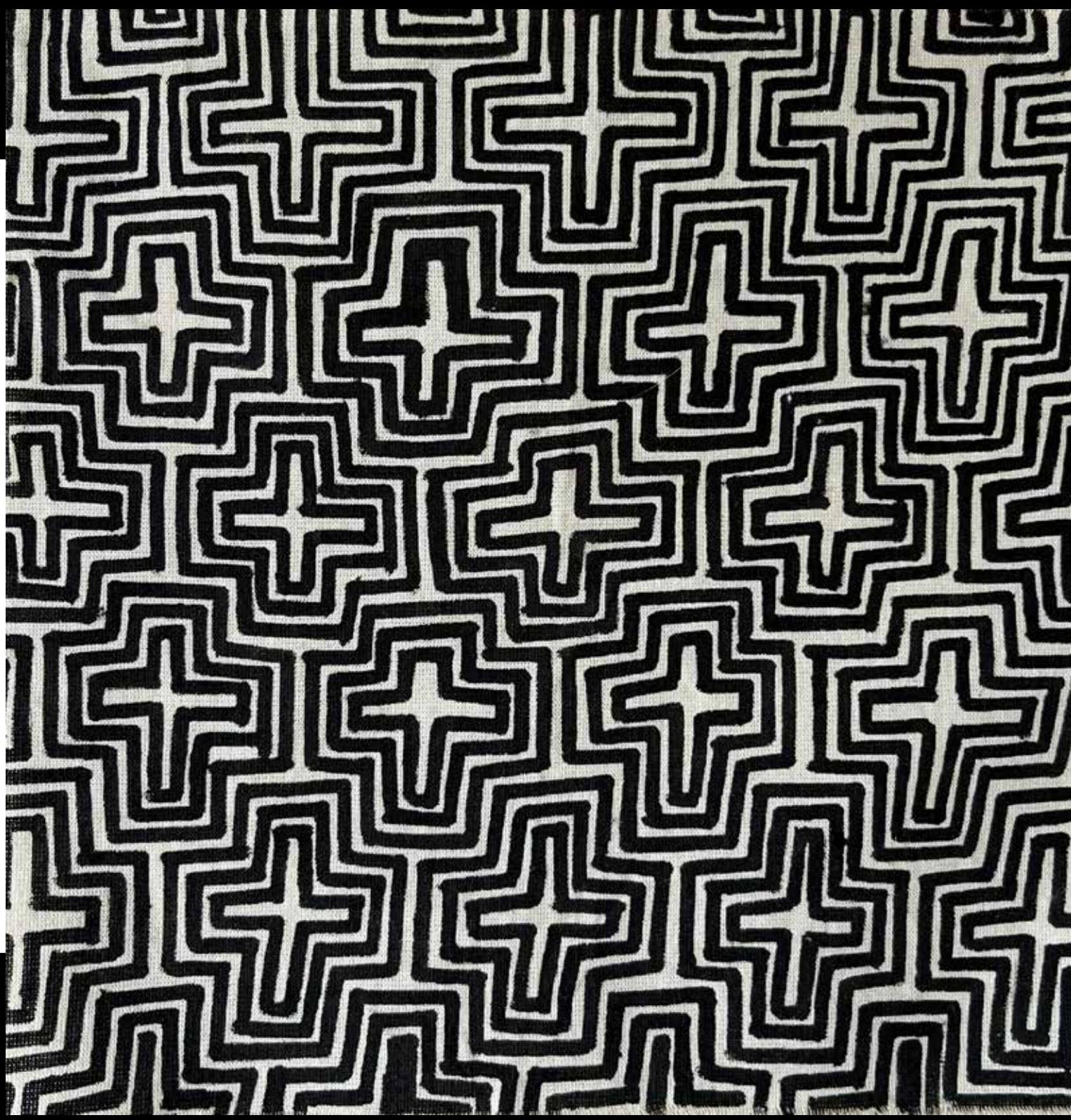
30 x 24 cm

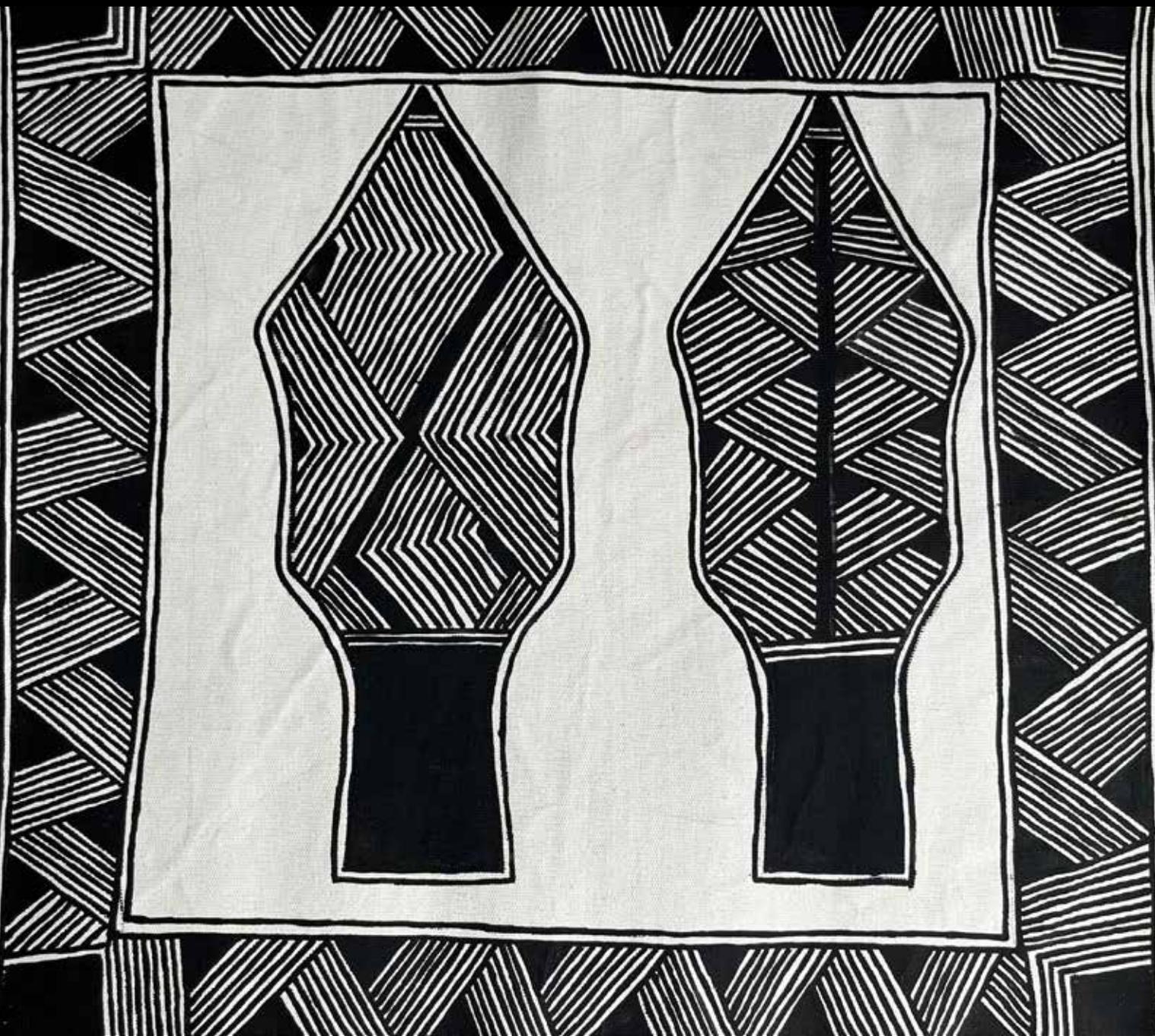
TÉCNICAS:

Tinta de tecido sobre tecido

CONCEITO:

Panela lawi com grafismo
Temekwara Rupyta no centro e
Jae'akyga na cabeça e borda.





IAPEMA +
JAE'AKYGA

ARTISTA:

Ararijuwa Assurini

ANO:

2024

DIMENSÕES:

35 x 41,5 cm

TÉCNICAS:

Acrílico sobre tela

CONCEITO:

Iapema, convite dado pela Tauwywa, doutora do conhecimento Awaete para o Kauyrau, jovem guerreiro. Acabamento com grafismo Jae'akyga.



LAWI

TEMUEKWARA

RUPYTA

ARTISTA:

Murapyjawa Assurini

ANO:

2024

DIMENSÕES:

57 x 103 cm

TÉCNICAS:

Tinta de tecido sobre tecido

CONCEITO:

Panela lawi com grafismo temekwara rupyta no centro e nas laterais.

JAPU + JAE

ARTISTA:

Jejy'y Assurini

ANO:

2023

DIMENSÕES:

44,5 x 40 cm

TÉCNICAS:

Tinta acrílica sobre tela

CONCEITO:

Panelas Japu com grafismo Ipirajuaka na borda e xxx no corpo. Panela Jae com Jae'akyga na borda e Meriryia com grafismo no corpo. Grafismo U'ykwasaru'u ao fundo.



TAYGA
JIUWAJARAKA

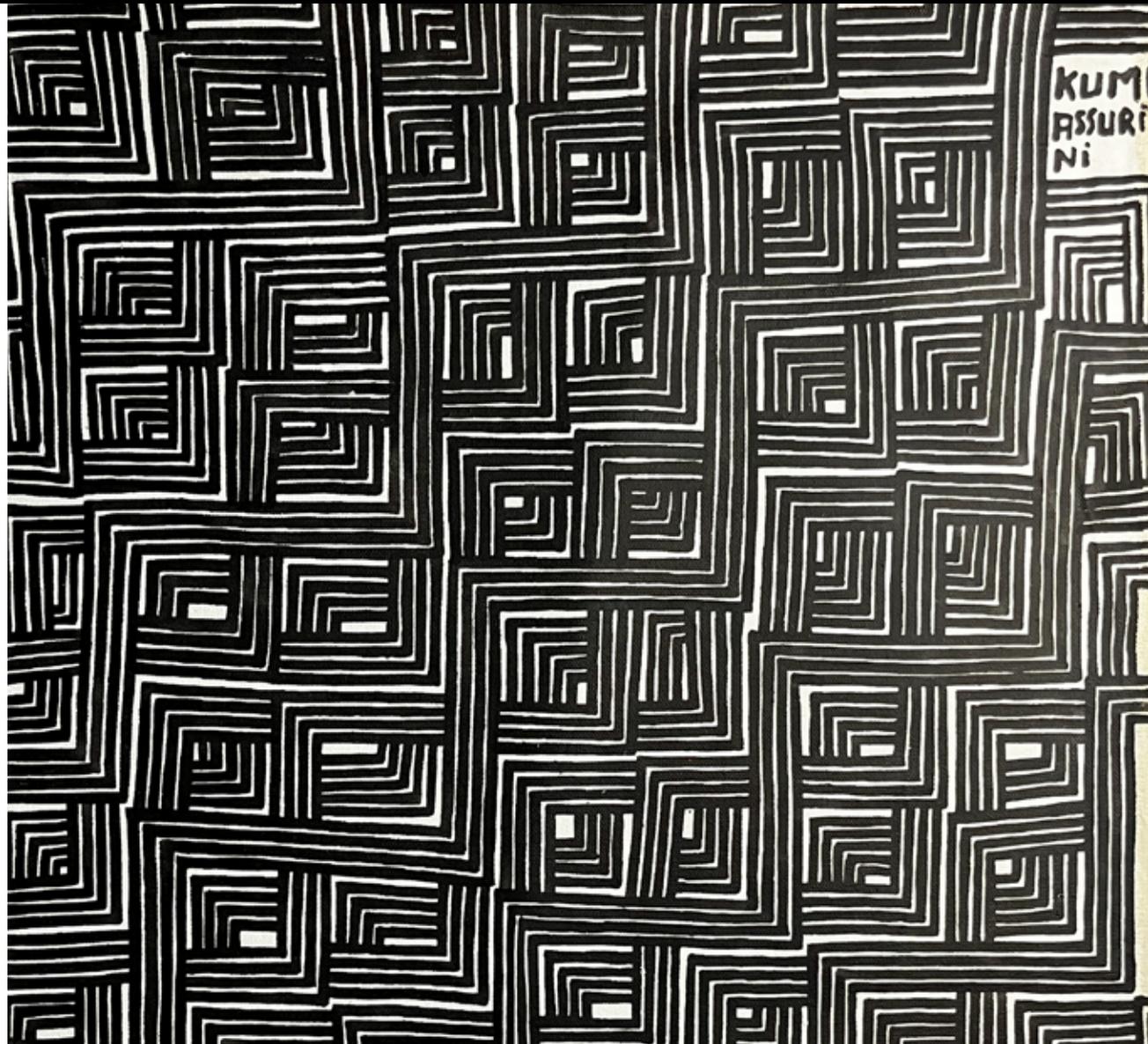
ARTISTA:
Kume Assurini

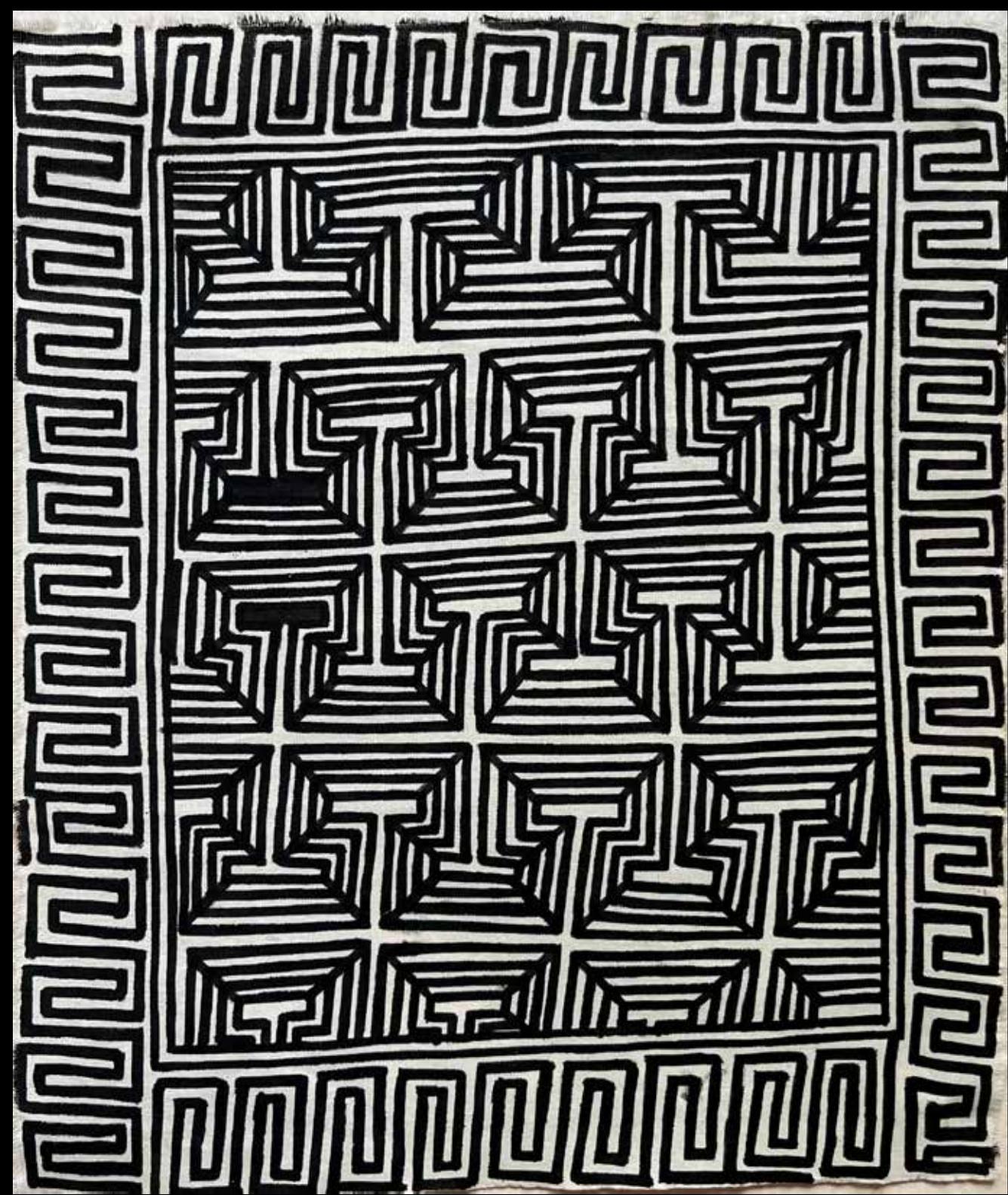
ANO:
2022

DIMENSÕES:
42,5 x 50 cm

TÉCNICAS:
Tinta acrílica sobre tela

CONCEITO:
Grafismo infinito.





APIPIRINIJUWIRA
TAYGAWI

ARTISTA:
Asãã Assurini

ANO:
2024

DIMENSÕES:
37,7 x 32 cm

TÉCNICAS:
Tinta de tecido sobre tecido.

CONCEITO:
Grafismo com Apipirinijuwira ao centro com Taygawi na borda.

CRÉDITOS

CONHECIMENTO TRADICIONAL

Muri, Itakyri, Time'i, Kume e Aitei

CONTEÚDO E REVISÃO ÉTNICA

GRAFISMO: Matuja Assurini

ESCRITA: Time'i Assurini

LINKS

janeraka.org

constelarancestral.org

agendaawaete.org

https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_tupis-guaranis

<http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/linguas/troncos-e-familias>

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/asurini-do-xingu>

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13123.htm

<https://www.facebook.com/lablivre/info?tab=overview>

FOTOGRAFIA

Acervo Janeraka

PROJETO GRÁFICO

Carla Romano - Inajá Design Permacultural

O CONTEÚDO AQUI APRESENTADO FOI CONSTRUÍDO POR NÓS INDÍGENAS E REVISADO E DIAGRAMADO PELO PARCEIRO INAJA DESIGN. ESTE FORMULÁRIO NÃO PODE SER GRAVADO POIS DEVIDO AS INUMERAS REUNIÕES DA NORTE ENERGIA COM AS LIDERANÇAS TIVEMOS DIFICULDADES DE TEMPO E LOGÍSTICA PARA APRESENTA-LO DA FORMA COM QUE GOSTARÍAMOS. ESTAMOS ORGANIZANDO UM COLETIVO DE DOCUMENTAÇÃO E REGISTRO PARA ORGANIZARMOS MELHOR NOSSO CONTEÚDO E IMAGEM.